

O PROBLEMA

Wagner Xavier Camargo

Pós-doutorando em Antropologia
Universidade Federal de São Carlos
Bolsista FAPESP

Se você quer compreender o que é a ciência, você deve olhar, em primeiro lugar, não para as suas teorias ou as suas descobertas, e certamente não para o que seus apologistas dizem sobre ela; você deve ver o que os praticantes da ciência fazem. (Clifford Geertz, 2011: 4)

A Copa do Mundo de Futebol tem mobilizado emoções de diversas ordens, ocasionado revoltas de indivíduos e grupos, de militantes e ativistas, de ricos, pobres e de uma “classe média alta” (que até fez protesto com camiseta, em campanha publicitária), incitado debates públicos acerca de gastos com as estruturas, gerado debates infinitos sobre desvio de verbas e causado um desconforto generalizado. Nos momentos anteriores à abertura e ao início do torneio internacional em terras brasileiras, não sabemos exatamente o que sentimos, e muito menos o que esperamos de dentro e fora dos gramados.

Numa iniciativa inédita, a *Revista Novos Debates* traz a/aos leitoras/es deste fórum de discussões uma polêmica viva acerca do momento em que vivemos: o que pensar da Copa do Mundo de Futebol (masculino) e quais as implicações de todas as problemáticas que a envolvem na atualidade? Para tanto, alguns cientistas sociais que se debruçam sobre uma sociologia/antropologia práticas esportivas foram convidados a se expressarem e a nos mostrarem como as pensam cientificamente.

Assim, o propósito deste espaço de discussão não é engessar problemáticas ou pré-determinar linhas de argumentação. As temáticas sobre a Copa do Mundo de Futebol (masculino) estavam à disposição e cada um ponderou como quis. Eis o resultado. A seguir, temos belos e críticos textos de cientistas sociais empenhados a entender (mais e melhor) os fenômenos que envolvem este evento e os (então denominados) megaeventos esportivos.

Partindo, desse modo, de todo um emaranhado de questões, o texto de entrada do fórum de discussões é de Arlei Damo, que reitera, à semelhança do que faz um psicólogo frente a um surto psicótico de seu paciente, um dado de realidade visível e incontestável: vai ter Copa no Brasil! Sua afirmação principal é a de que, em que pese a campanha “não vai ter Copa”, impulsionada por movimentos sociais e partidos políticos específicos, a competição efetivamente

se realizará. Por isso, segundo o autor, “Copa para quem?” seria um slogan mais instigante para refletir sobre o contexto. Da leitura de suas inquietações, resta-nos indagar se os ativistas, direta ou indiretamente, semearão, de fato, durante a Copa a colheita dos protagonistas das Eleições Gerais de outubro?

A seguir, deparamo-nos com o ensaio sagaz de Luiz Henrique de Toledo. O autor mostra o triunfante retorno do bordão “*futebol, ópio do povo*”, agora insinuado dentro do contexto caótico da realização da Copa mundial de futebol e o recoloca justamente no centro dos protestos contra o evento, no sentido de dizer que a FIFA, com suas imposições, controle e designações acerca do imponente “Padrão FIFA”, reatualizaria tal pecha para si mesma na atualidade. Além disso, pondera ainda sobre uma provocação de Bruno Latour, pensada a partir de uma exposição de artes, na Alemanha, início dos anos 2000. *Iconoclash* é a instabilidade, o enigma, distante da iconofilia e da iconoclastia, escolhido para “lugares, objetos e situações em que há uma ambiguidade, uma hesitação, (...) quanto a como interpretar a construção da imagem e a destruição da imagem” (Latour, 2008: 123). Para Toledo, o interessante agora é perceber os *iconoclashes* que circundam e envolvem o futebol, produzindo contrapontos ou desestabilizações acerca da iconoclastia em torno do próprio fenômeno (e de sua estrutura).

Por sua vez, Alexandre Vaz brinda-nos com um escrito que traz algumas facetas do futebol enquanto negócio. Há, para ele, uma dimensão mercadológica em torno do esporte que se iniciou nos anos 1970 e já expusera, àquela época, os volumosos ganhos da então FIFA, sob o comando do brasileiro João Havelange. Passados 40 anos, o *business* em torno do fenômeno futebolístico só cresceu: haja vista, segundo o autor, as obras de recuperação ou construção dos 12 estádios e suas estruturas. Como bem salienta Vaz – e de tácita concordância para quem conhece algumas das megaestruturas esportivas em âmbito internacional – tais estádios oferecerão mais do que espaço para uma contenda. São lugares de conforto, de venda e consumo de mercadorias, de visibilização de produtos dos clubes, de construção de verdadeiras experiências, no sentido estrito do termo. Participando ou não de tudo isso, Vaz profetiza que nada, nem ninguém, ficará imune à Copa de Futebol no Brasil.

Em seguida há as ponderações de José Renato Araújo, que arquiteta uma conexão entre as políticas públicas adotadas no país em respeito aos

megaeventos esportivos e a tentativa de compreensão das mesmas por parte de cientistas sociais, que estabelecem pressupostos importantes para desvelar os arranjos responsáveis pelo pagamento das contas em níveis municipal, estadual e federal. Relata-nos, portanto, sobre suas investigações junto aos Tribunais de Contas Estaduais, responsáveis oficiais pelo controle de gastos das unidades da federação, e sobre suas intenções de pesquisa nos Tribunais de Conta da União. Das etapas preliminares, segundo o autor, resulta que os investimentos feitos para a realização da Copa provieram de recursos públicos, fato que realmente alça ao centro do debate tais tribunais de contas e o próprio Estado brasileiro, passando a serem, assim, tópicos investigativos fundamentais.

Um último exercício de escrita deste compêndio crítico, e notadamente desviante das problemáticas em pauta até então postuladas, encontra-se na reflexão de minha autoria que *generifica* a Copa e o futebol. Deixo leitoras/es instigadas/os a lê-la, porém, adianto que tento desvelar pressupostos e prerrogativas tácitas em relação a gêneros, corpos e sexualidades que estão subsumidos a todas essas discussões que dizem respeito ao futebol e a sua Copa Mundial (masculina) em processo de realização no Brasil.

Ao fim e ao cabo, os escritos deste fórum pretenderam abordar o futebol nacional/global e a Copa masculina mundial da FIFA sob distintas perspectivas analíticas (interdisciplinares, inclusive), que, juntas, oferecem um mosaico interessante de ser apreciado. Como de praxe, resta-me apenas desejar-lhes boa leitura!

Referências Bibliográficas

GEERTZ, Clifford. 2011. *A Interpretação das Culturas*. 1 ed [reimpr.]. Rio de Janeiro: LTC.

LATOUR, Bruno. 2008. “O que é iconoclash? ou, há um mundo além das guerras de imagem?” *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 14, n. 29, p. 111-150, jan./jun.

Wagner Xavier Camargo

Pós-doutorando em Antropologia
Universidade Federal de São Carlos

Bolsista FAPESP

Currículo Lattes